



João Pedro Carvalho / Agência Ceub



» ISABELA BERROGAIN
» MARIA CAROLINA*
» MARIANA REGINATO
» RICARDO DAEHN

Em uma pulverização de troféus, que rendeu prêmios Candango para três longas-metragens, o júri do 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro valorizou temas como o descarte de etarismo, a visibilidade para o cinema queer e, às vésperas das eleições, a valorização dos eleitores. O vencedor de melhor filme foi *Se eu fosse vivo... vivia* (MG), de André Novais Oliveira, que focaliza a terna relação de um casal de idosos, enquanto o melhor diretor foi o catalano Daniel Nolasco, pelo humorado e reflexivo filme *Pequenas tragédias* (GO), que venceu cinco troféus, e finalmente, *Tudo é tempo* (RJ), de Marcos Guttman, venceu pela ótica do público e o Prêmio Especial do Júri. A entrega dos prêmios ocorreu na noite de ontem, no Cine Brasília.

Emocionado, André Novais Oliveira agradeceu à equipe e dedicou o prêmio ao pai. “É uma felicidade enorme estar aqui nesse festival de novo. Eu sei que não é o filme mais arriscado que existe, mas tem um certo risco, e eu acho isso libertador. E em maior ou menor grau, depois desse filme, principalmente, eu vou continuar fazendo isso com muito prazer”, disse o diretor.

Daniel Nolasco recebeu seu primeiro prêmio de direção nos palcos do Cine Brasília com o longa *Pequenas tragédias*. “Esse filme é sobre ausências e fazer cinema é uma arte que requer presença. Quero agradecer a todo mundo que teve presente durante a feitura desse filme,

UM CANDANGO DE MUITAS VOZES

foi muito importante”, comenta. O diretor destaca que a vitória no festival é resultado de políticas públicas de descentralização da produção. “Nasci na região rural de Catalão, em Goiás, sou filho de costureira e trabalho com cinema. Se não fosse as políticas públicas, eu acho que esse momento jamais estaria acontecendo”, conta.

Ao subir nos palcos do Cine Brasília para receber os prêmios Especial do Júri e Melhor longa-metragem do júri popular, Marcos Guttman ressaltou que *Tudo é tempo* demorou mais de 20 anos para ficar pronto. “Nem nos meus sonhos mais delirantes eu imaginei uma sessão em que o filme tivesse uma acolhida como ele teve aqui”, celebrou o diretor, que comentou sobre a possibilidade de uma continuação do documentário que acompanhou quatro brasileiros que votam na mesma seção eleitoral do Rio de Janeiro.

Guttman ainda lembrou sua última passagem no Festival de Brasília, há 30 anos. “Esse evento cresceu sem perder sua essência política de resistência. Se eu faço filme hoje, é por conta dele”, afirmou o cineasta. “Espero que eu não demore tanto para voltar, porque foi inesquecível estar aqui”, desejou o diretor.

João Pedro Carvalho / Agência Ceub



O TROFÉU SARUÊ

Apresentado desde 1996, conjugando homenagens a Vladimir Carvalho e ao artista plástico Galeno, criador de diversos troféus entregues pela equipe de Cultura do **Correio**, o prêmio Saruê ganhou estatueta confeccionada por Darlan Rosa (diante da morte de Galeno em 2025). Darlan explica o conceito do troféu entregue, em 2026 ao melhor momento do Festival. “A ideia é a de que cada face do cubo simbolize um fotograma. Uma janela aberta que recorta o espaço ao redor assim como o cineasta recorta a realidade através da lente. O vazio interior não é ausência, mas, sim, a passagem do tempo e da luz, elementos fundamentais da projeção cinematográfica”, explica.

CRÍTICA // Sabes de mim, agora esqueça ★ ★ ★ ★

A BOMBA DO DESEJO

» RICARDO DAEHN

Imbuído de visão que extrapola o registro da exploração das profissionais do sexo, o filme de Ceilândia trazido pela cineasta Denise Vieira, *Sabes de mim, agora esqueça* escalone para cravar o aproveitamento da vida, a virada de jogo e a imposição de desejos femininos. No contexto da chamada Toca (abrigo e palco de prostituição), um cliente, na trama, conta do trabalho cotidiano feito “com inteligência”, e, no segundo seguinte, se mostra um completo tonto, diante da presença e dos desmandos femininos.

O ambiente é de opressão, em meio à distopia, e um grupo de prostitutas da narrativa conquista posição e poderes para fugir da esfera do opressor intitulado, em grupo, de Lanternas. As rédeas não serão curtas para a recém-chegada Rúbia (Pietra Sousa) no espaço-cabaré controlado pela veterana

Margô (Cida Souza). Tecnicamente, o filme de Denise Vieira é impecável. A densidade do som é austera, num trabalho forte de Maira Romero. A direção de arte de Sarah Noda se alinha à estética perseguida por Denise Vieira (formada arquiteta) e pelo núcleo Adirley Queirós montado em filmes cheios de vitalidade como *Branco sai, preto fica* e *Mato seco em chamas* (este, ao lado de Joana Pimenta).

Num ambiente de câmara (que evoca fitas de Pasolini), estão as mulheres que gostam “de confusão”. Falam abertamente das vontades de vasculhar com línguas, apresentam apetrechos sexuais e, desavergonhadas, assumem o fetiche por cheiros de intimidades, transformando os antigos “atendimentos” (a clientes) em “sessões”.

Em trânsito, Rúbia deixa, inicialmente, o ambiente de uma ferrovia para migrar até o Toca, o ponto de recreação e



Corriola Films/ Divulgação

prazer que, em conteúdo cinematográfico, conglomeram potências de realizadores como Almodóvar, Bertrand Bonello e Larry Clark. Nesta avolumada liberação de desejos consensuais — em que a permissividade irrestrita gera observações de “valha-me” e “misericórdia!”, por parte de personagens —, a fotografia de Victor de Melo é

vital, especialmente quando as mulheres saem dos trilhos, optando por uma empoeirada estrada de terra, diante de bifurcação apresentada nos trilhos de uma locomotiva. Desajustada dos exaltados padrões da atualidade, é a figura de Margô que paira, enlevada; longe da escuridão da noite, e sem medo de encarar a rua novamente.

Curtas

Na parte de curtas-metragens da Mostra Competitiva Nacional, três produções empataram com três candangos para cada. *Fundura*, do diretor *Catapreta*, de Minas Gerais, leva para casa Melhor edição de som, Direção de arte e Direção. O projeto alagoano, *Futuro Decadance*, arrematou os troféus de Melhor Montagem, Figurino e Atriz.

Outro vencedor, que conquistou o prêmio de Melhor curta-metragem pelo júri oficial, foi a produção paulista *Cana*, dos diretores Daniel Rone e Guilherme Xavier Ribeiro. O filme também foi premiado com os troféus de Melhor trilha sonora e Melhor ator para Gerin Black.

Na Mostra Brasília, o prêmio de Melhor direção foi para Rafael Lobo pela produção *Mapas*. O Melhor curta-metragem ficou para o curta *Dora*, do diretor Murilo Abreu e Melhor longa-metragem, pelo júri popular e oficial, foi conquistado por *Onde moram os irmãos*, de Marisa Mendonça. “Viva o Fundo de Apoio à Cultura (FAC) e viva a cultura!”, exclamou a cineasta.

*Estagiário sob a supervisão de Patrick Selvatt

Confira a justificativa da entrega do troféu Saruê de 2026

“Numa época de intolerância, em que o adversário democrático se transforma em inimigo a ser destruído, um filme selecionado pelo festival propôs uma escuta sensível que rehumaniza os atores políticos. O filme contribui para a compreensão das motivações e razões humanas que impulsionam a decisão de cada voto. Por isso, o Prêmio Saruê, do Correio, vai para Marcos Guttman, diretor de *Tudo é tempo*.”

PREMIADOS

LONGAS-METRAGENS

Melhor longa (Júri oficial):

Se eu Fosse vivo... vivia, de André Novais Oliveira (MG)

Melhor direção:

Daniel Nolasco, por *Pequenas tragédias* (GO)

Melhor Longa (Júri popular):

Tudo é tempo, de Marcos Guttman (RJ)

Melhor roteiro:

André Novais Oliveira, por *Se eu fosse vivo... vivia*

Melhor ator:

Guilherme Théo, por *Pequenas tragédias*

Melhor atriz:

Martha Nowill, por *Privadas de suas vidas*

Melhor ator coadjuvante:

Lucas Leto, por *Todo o sentimento*

Melhor atriz coadjuvante:

Aivan, por *Pequenas tragédias*, e Olivia Torres, por *Privadas de suas vidas*

Melhor montagem:

Luciano Carneiro, por *Pequenas tragédias*

Melhor edição de som:

Maira Romero, por *Sabes de mim, agora esqueça* (DF)

Melhor trilha sonora:

Daniel Nolasco, *Pequenas tragédias*

Melhor figurino:

Diana Moreira, por *Se eu fosse vivo... vivia*

Melhor direção de arte:

Juliana Lobo, por *Privadas de suas vidas*

Melhor fotografia:

Victor de Melo, por *Sabes de mim, agora esqueça*

CURTAS-METRAGENS

Melhor curta-metragem (Júri Oficial):

Cana (SP), de Daniel Rone e Guilherme Xavier Ribeiro

Melhor direção:

Catapreta, por Fundura (MG)

Melhor curta-metragem (Júri Popular):

Lagoa do abandono (CE), de Diego Maia

Melhor ator:

Gerin Black, por *Cana*

Melhor atriz:

Leviathan, por *Futuro decadance* (AL), pela pesquisa/performance

Melhor roteiro:

Nicolau, por *Gastronomia do olho* (DF)

Melhor montagem:

Leviathan, por *Futuro decadance*

Melhor edição de som:

Daniel Nunes, por *Fundura* (MG)

Melhor trilha sonora:

Daniel Rone e Guilherme Xavier Ribeiro, por *Cana* (SP)

Melhor figurino:

Leviathan, por *Futuro decadance*

Melhor direção de arte:

Catapreta, por *Fundura*

Melhor fotografia:

Gabriel Lucena, por *Gastronomia do olho*

MOSTRA BRASÍLIA

Melhor curta-metragem:

Dora, de Murilo Abreu

Melhor longa-metragem: *Onde moram os irmãos*, de Marisa Mendonça

Melhor direção: Rafael Lobo, por *Mapas*

Melhor ator: Lupe Leal, por *Impostor*

Melhor atriz: Micheli Santini, por *Dora*

Melhor roteiro: Talita Carvalho, por *Madre*

Melhor montagem: Arthur Gonzaga, por *A arte perdida da lombada*

Melhor edição de som: Bernardo Paixão, por *Ar-Dor*

Melhor trilha sonora: João

Tomé, por *Nem todos sabem*

Melhor direção de arte: Lucas Gehre e Nadine Diel, por *Mapas*

Melhor fotografia: Petrônio Neto e Nicolau, por *Ar-Dor*

PRÊMIOS ESPECIAIS

Troféu Saruê: *Tudo é tempo*, de Marcos Guttman

Prêmio especial do júri: *Tudo é tempo*, de Marcos Guttman

Menção honrosa para Conceição Evaristo e Norberto Novais Oliveira por *Se eu fosse vivo... vivia*

Menção honrosa (curta-metragem): *Mariposa* (RN)

Prêmio Zózimo Bulbul (melhor curta-metragem): *Mariposa* (RN), de Alexandre Américo e Pedro Vitor

Prêmio Zózimo Bulbul (melhor longa-metragem): *Ana, en passant* (MG), de Fernanda Salgado

Prêmio Abraccine (da crítica para melhor curta-metragem): *Cana*, de Daniel Rone e Guilherme Xavier Ribeiro

Prêmio Abraccine (da crítica para melhor longa-metragem): *Pequenas tragédias*, de Daniel Nolasco

Prêmio Marco Antônio Guimarães (Centro de Pesquisadores do Cinema): filme *Fernando Coni Campos: Cada um vive como sonha*

Caleidoscópio (Júri Jovem da UnB — Prêmio Jean-Claude Bernardet): *Mulheres do bando*, de Thamires Vieira

Caleidoscópio – Fipresci (Melhor filme pela Crítica Internacional): *Os fantasmas gentis*, de Caetano Gotardo